

crítica nº 9 - Julho 72

Uma fábula? Em rigor, talvez não se possa chamar a *Dinossauro Excelentíssimo* uma fábula. Mas lá está a história (a ascensão e decadência de Dinossauro I, imperador do Reino do Mexilhão), lá está a história que quer dizer aquilo e outra coisa (as personagens que são aquelas e outras), os símbolos que se entendem bem, lá está a irre realidade à letra da história, uma história «fantástica», lá está o tom oral e popular (que, como nas fábulas, é escrito e culto). Se terá moral?

Tem de qualquer modo uma «Ritinha» que escuta como o Delfim deveria escutar as fábulas de Lafontaine.

Que fábula? De que «género» será esta fábula em prosa talvez sem moral (pelo menos aparente), talvez sem animais, mas com monstros?

— Do género que «diz a verdade».

— Do género que «faz rir».

— Do género que «dá prazer».

Mas donde vem o prazer? Será da fábula que vem o «prazer» ou do facto de se «fabular» esta realidade e ainda do reconhecimento da realidade «fabulada»? Problema idêntico, aliás, põe-se em relação às ilustrações: o «prazer» virá do desenho de João Abel Manta ou do reconhecimento das relações entre certos elementos e a realidade?

Ou seja: se não conhecêssemos a realidade ou não a odiássemos, o prazer seria o mesmo? Haveria sequer prazer?

Ou seja: as palavras da fábula serão tão fortes como as palavras da realidade que atormentavam o imperador «que na ânsia de purificar as palavras acabou por ficar entevado com a paralisia da mentira»? O prazer virá da própria fábula?

Porque quase não da fábula? Claro que vem dela em parte. Porque as frases são claras, certas, seguras. Porque é o autor de *O Hóspede de Job* que escreve. Porque há uma ideia-base com muita graça: a identificação duma odiada personagem da realidade com um monstro imaginário e o escrever-se a sua vida de modo a que certas pessoas não possam deixar de perceber e outras certas pessoas tenham que fingir que não perceberam. Mas não haverá uma ideia só?

Que imaginação? No fundo, num livro todo ele imaginário e fantástico, todo ele «fabuloso» parece haver pouca invenção e pouca imaginação. É que, por um lado a imaginação inscreve-se muito claramente numa «tradição», talvez a encruzilhada de *As Aventuras de João sem Medo* de José Gomes Ferreira, de *A Palavra é de Ouro* de Abelaira e do misto de *Almanaque* e de *Mosca*, por outro lado há poucas ideias «secundárias» (do tipo da câmara de torturar palavras ou da estátua).

Esperaria mais «trouvailles» como as que andam à volta do «tema das palavras», sem dúvida o mais trabalhado: «Certa manhã estava ele muito sossegadinho a ver se ouvia, caíu um substantivo na rede: Pim! De braço no ar, investiu contra a palavra, pronto a destroçá-la. Viu-a passar no circuito, singrando, explodindo, renascendo, enquanto a fita do registo anotava:

Ormed... Oredm... Derom... Mored (pp. 70-71).

Será *Mored*, que se desdobra em ordem, morde e medo.

Uma obra menor? Talvez não seja a mania da seriedade e a incapacidade de «dar o salto» para o reino da «libertação» onde o vocabulário passa a ser «funambulesco», «comboio fantasma», «dentaduras postiças» (cf. «Antologia do Humor»), etc., etc. (é Vítor Silva Tavares que escreve a «badana» do livro) que (me) faça considerar este livro de José Cardoso Pires uma «obra menor» do autor de *O Anjo Acorado*, *O Render dos Heróis*, *O Hóspede de Job*.

Não podem «escritores maiores» escrever «obras menores»? Fazer aqueles «divertissements» que acabam às vezes por ser eles as obras-primas? Pois podem. Mas há o momento e há a situação. *Dinossauro Excelentíssimo* aparece num momento particularmente mau, em que não surgem romancistas novos e muitos «consagrados», talvez fartos de tanto escreverem sem serem lidos, se sentem atraídos por «brincadeiras» (de vários géneros). E pergunta-se: se as pessoas que podem não fazem, quem fará?

E. D.